

Os meus sonhos de Natal

Adoro feiras de velharias ao ar livre, onde me sinto como se visitasse um museu sem paredes, uma experiência divertida e agradável, onde encontro pequenos tesouros extraordinários e surpreendentes, a preços simpáticos e atrativos.

Geralmente, nestas minhas visitas, sempre começa pelos livros. Onde já encontrei preços ao metro, sendo medidos na horizontal, e preços mais conhecidos ao quilo. Poderia escrever mais sobre este tipo de feiras, de que tanto gosto, mas a ideia é escrever, como surgiram os meus sonhos de Natal.

Tudo começou perto do Natal, quando fui a uma destas feiras, o ano sinceramente já não me recordo, mas sei que ia com o intuito de encontrar algum livro de Natal, para oferecer a uma das minhas sobrinhas, que adora livros de Natal.

Numa bancada de livros, entre tantos, logo os meus olhos caíram num clássico de Natal, um velhíssimo clássico de Charles Dickens, mas em muito bom estado de conservação. Foi amor à primeira vista!

Ao pegar-lhe foi algo muito especial, como se as minhas mãos estivessem a ser acariciadas pelo livro. Pode parecer insano, mas foi isso que senti na altura.

Uma encadernação fabulosa em tecido, cor verde-clara, no meio, uma gravura pintada, nas cores azul, verde e preto. O título, Contos de Natal de Charles Dickens, gravado com grandes letras douradas. No interior, lindas ilustrações só numa cor, cor castanha, igual às letras. Enfim, lindíssimo em tudo...

Ainda regateei o preço, mas a minha ideia era mesmo comprar. E assim, junto com outros, não tão importantes, veio comigo para casa.

(Continua)

Boas festas

Para todos os Associados, familiares e amigos

Já em casa, passei folha a folha, para ter certeza que não faltava nenhuma. Escrevi uma bonita dedicatória, e fiz um caprichado embrulho, completando com um lindo e grande laço de cor vermelha, não fosse o vermelho a cor do Natal.

E enquanto fazia o embrulho, não pude deixar de sorrir, imaginando a cara da minha sobrinha quando o abrisse, na noite de Natal. Lá em casa, é habitual abrir as prendas depois da Missa do Galo.

Devo dizer, que a minha sobrinha adorou imenso a prenda, mas... a surpresa só aconteceria na manhã de Natal, quando cheguei para o tradicional almoço de família. Em toda a casa pairava aquele aroma aconchegante. Na lareira, ainda ardia o resto do grande tronco colocado na véspera, como é tradição. Também o cheirinho do peru assado, o bolo de maçã com canela, os fritos e outros aromas, que se misturavam entre si.

Da porta da cozinha, uma cara toda enfarinhada e de sorriso de orelha a orelha, espreitou para me cumprimentar, dizendo:

- Bom dia, tia! Já acabei de fazer os teus sonhos de Natal!

- Os meus sonhos de Natal? Respondi.

- Sim, anda a provar! Tens de ser a primeira a prová-los.

Pensei... De que estará ela a falar!! Puxando-me pela mão, entrámos na cozinha, onde nos esperava em cima da mesa, uma travessa de sonhos ainda quentinhos, passados por açúcar e canela, com um aspecto delicioso.

Mas eu continuava intrigada, e logo perguntei?

- Querida, porque dizes que são os sonhos da tia? Não percebo!

- Então tia? É a receita que tu colocaste no livro que me ofereceste.

Agora sim, eu estava completamente intrigada. Eu não tinha colocado nenhuma receita no livro, e tinha a certeza que o livro também não trazia, pois eu tinha passado folha a folha e não tinha visto.

- Mistério... brincou ela, mas olhando para mim, viu que realmente eu não sabia de que se tratava.

Foi então pegar na receita para eu ver.

A verdade é que a receita estava escrita com a mesma cor castanha, e no cimo dizia "Fazer na manhã de Natal".

A minha sobrinha, sempre pensou e pensa, que fui eu a colocar a receita dentro do livro, mas eu sei que não fui.

Ainda hoje, ela brinca e sempre diz serem "Os meus sonhos de Natal".

O mistério continua, mas todos os natais, os meus sonhos são feitos, e são deliciosos...

Desejo a todos um Santo e Feliz Natal 2024.

Luísa Faria – Associada 691

Boas Festas

Para todos os Associados, familiares e amigos

NEOLOGISMO

Havia um enorme burburinho naquela reunião: Talvez mais de vinte pessoas, talvez até quase trinta, falavam todas ao mesmo tempo, umas sobre as outras, cada uma queria à viva força, ter a razão plena sobre o polémico assunto que se discutia.

Os argumentos eram lançados de todos os lados, cada um com mais veemência que o anterior, alguns, talvez menos fundamentados, eram apresentados num tom de voz cada vez mais alto, tentando sobrepor-se aos demais.

Depois e como que por encanto, a discussão generalizada começou a subdividir-se em várias mais pequenas, grupinhos de três ou quatro pessoas que argumentavam entre si, as virtudes de cada teoria. Naturalmente e dada a proximidade dos intervenientes destes grupinhos mais pequenos, pelo menos em dois deles, as palavras deram lugar às acções e a começar nuns pequenos empurrões pouco amistosos, passou-se aos murros, felizmente a maioria trocados somente com o ar...

Então, nova subdivisão em mais grupinhos, porque uns eram de opinião que as diferentes opiniões tinham de ser faladas com civismo e respeito, enquanto outros, os mais fortes fisicamente, achavam que aquilo, só mesmo à "batatada" é que se iria resolver.

E lembrar-me eu que tudo aquilo tinha começado pela apresentação duma proposta muito bem **escrita** e amanhã, sobre as alterações a introduzir num determinado regulamento !!!

E foi então, que sobrepondo-se com muito custo ao barulho que imperava como a força de um temível ditador, o responsável pela convocatória da reunião, pondo-se de pé sobre uma cadeira e desta subindo para de cima da mesa, gritou mais alto que todos:

- Eu quero dizer que estou inteiramente de acordo com todas as opiniões que aqui ouvi.

E por incrível que pareça, a declaração teve efeito imediato e todas as escaramuças, mesmo as que já tinham atingido o estado de agressões físicas, pararam como que por encanto.

E num tom de voz quase normal, tudo e todos aparentemente mais sossegados, calaram-se e tudo ficou envolvido por um silêncio estranho, (como aquele que por experiência já conhecemos, que se forma antes de uma grande tempestade), o responsável pela convocatória da reunião, acrescentou:

- Mas...

E outra vez como que por milagre, o tumulto recrudescceu, se possível ainda com maior impetuosidade, quase com brutalidade animal.

E foi exactamente nessa altura, que me lembrei de uma palavra que ontem ouvi e que é seguramente um neologismo, que me parece aplicável na perfeição nesta situação que, recordo, começou por uma proposta **escrita**.

E assim, por uma vez sem exemplo e com a devida vénia ao inventor deste neologismo publicitado em Penamacor, resolvi alterar o título deste escrito, para:

ESCRITARIA

José C. Fael Associado 698 - 2024

Boas festas

Para todos os Associados, familiares e amigos

VALORIZAR QUEM ENSINA

Um Jovem encontra um ex Professor idoso.

-Lembra-se de mim? E o velho diz que não.

Então o jovem diz-lhe que foi seu aluno. E o professor pergunta-lhe:

- Ah, é? E que trabalho faz agora?

O jovem responde: - Bem, sou professor.

- Oh, que lindo como eu? Diz-lhe o velho.

- Bem, sim. Na verdade, tornei-me professor porque o senhor me inspirou a tomar essa decisão.

O velho, curioso, pede ao jovem que lhe diga porquê. E o jovem conta-lhe esta história:

- Um dia, um amigo meu, também estudante, chegou à escola com um relógio lindo e novo e eu roubei-o. Pouco depois, o meu amigo apercebeu-se do roubo e reclamou imediatamente com o nosso professor, que era o senhor. Então o senhor fechou a porta e mandou toda a gente levantar-se porque ia revistar os nossos bolsos um por um. Mas, primeiro, disse para nós fecharmos os olhos. Assim fizemos e o senhor procurou bolso a bolso e, quando chegou junto de mim encontrou o relógio no meu bolso e pegou-o. Ainda assim, o senhor continuou a revistar os bolsos de todos e, ao terminar, disse: - Abram os olhos. Encontrei o relógio!

O senhor nunca me disse nada e nunca mencionou o meu nome no episódio. Nunca disse quem foi que roubou o relógio. Naquele dia, o senhor salvou-me a dignidade para sempre. Foi o dia mais vergonhoso da minha vida. Nunca me disse nada e, embora nunca me tenha repreendido ou chamado para me dar uma lição de moral, percebi claramente a mensagem. E graças ao senhor compreendi que é isso que um verdadeiro educador deve fazer.

- Lembra-se desse episódio, professor?

E o professor respondeu:

- Lembro-me da situação, do relógio roubado, de ter revistado os bolsos de toda a gente na sala, mas não me lembrei de ti, porque enquanto eu vos revistava os bolsos também estava com os olhos fechados.

Esta é a essência da decência.

"Se para corrigir precisa de humilhar, então não sabes ensinar".

(Autor desconhecido) - Enviado por Noémia Casimiro – Associada 674

Folhas Vivas

Corpo editorial

Director:

- M. Leonor Carvalho

Corpo redactorial e coordenador:

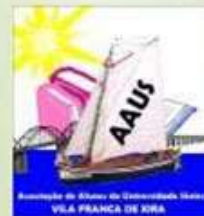
- Emílio Duarte
- Zí Menezes Reis
- António Ramalho

Colaboração neste número

Luísa Faria, José Fael e Noémia Casimiro.

- ♦ -

Para críticas, sugestões e colaboração, contactar:



Telefone: 21 953 30 50
Tlm. 961 303 636

Palácio da Quinta
Municipal da Piedade
2625-201 PÓVOA DE SANTA IRIA

E-mail:

aausvfxira@sapo.pt

Site:

www.aausvfxira.pt

AGENDA

6/12 - Cantata Ode Marítima - CCB

9/12 - Comemoração do 20º Aniversário da Universidade Sénior - SFRA

20/12 - Festa de Natal da Universidade Sénior